

IV Simpósio de História do Maranhão  
Oitocentista: Escravidão e Diáspora  
Africana no século XIX

09 a 12 de junho de 2015

Local: Universidade Estadual do Maranhão - UEMA  
Prédio do Curso de História, Praia Grande, São Luís - Ma.

---

## **Instrução e Exploração: o Maranhão nos quadros da Ilustração portuguesa.**

Wendy Dayane Silva Santos

### **Política Ilustrada**

A reforma iniciada Pombal que buscava retificar a soberania portuguesa repercutiu em mudanças educacionais, por exemplo, na Universidade de Coimbra que ganhou dois novos cursos de Filosofia e Matemática e a inserção de uma cadeira incomum a todos os cursos a de ciências naturais. A renovação com a inserção da cadeira de ciências naturais tinha a intenção de capacitar os estudantes que pudessem percorrer os territórios da América Portuguesa explorando as prováveis riquezas naturais existentes e que se acreditava que muitas dessas ainda se encontravam desconhecidas. A possibilidade de serem encontradas novas maneiras de estabelecer uma economia cada vez mais forte criou a necessidade de se terem exploradores de formação que pudessem catalogar e enviar resultados das pesquisas, a exploração na perspectiva de Pombal era uma maneira de fortalecimento econômico.

A reforma na Universidade de Coimbra mostra que a transição política pela qual Portugal estaria passando e segundo Lilia Moritz Schwarcz, parecia se constituir um sinalizador de mudanças; “A reforma pombalina na universidade de Coimbra foi bastante radical, tanto no que se refere ao planejamento do curso e à escolha das matérias como em relação à definição de métodos de ensino e da filosofia que regeria a instituição.”. A estrutura da universidade foi modificada o que iria refletir na perspectiva de pensamento dos estudantes, pois ainda segundo a reforma proporcionaria mudanças do que a universidade teria se transformado, um lugar monopolizado por “ignorantes”; “A Universidade estava reduzida a um estado caído inteiramente nas mãos de uns poucos padres ignorantes e que sem respeito à sua instituição olhavam mais para os lucros que daqui lhe podiam nascer.” (SCHAWARSCZ, 2002, p.105).

Segundo Kenneth Maxwell, “as reformas educacionais de Pombal visavam três objetivos principais: trazer a educação para o controle do Estado, secularizar a educação e padronizar o currículo” (MAXWELL, 1997, p.104). Para alcançar os propósitos Pombal tenha-se pautado, “*em primeira instância, ao menos, pelo exemplo de reforma.*” (ARRUDA, 2009), reforma<sup>1</sup>, fica claro o interesse estatal pela exploração que é realmente uma perspectiva econômica.

Ao assumir o cargo de Ministro de Ultramar do período mariano, D. Rodrigo de Sousa, afilhado de Pombal e egresso de Coimbra pós reforma pombalina, continua o projeto econômico começado marquês e acrescentara novas posturas ao projeto, se entende que uma perspectiva iluminista de difusão do conhecimento através do letramento e através de livros sobre ciência agrária e da terra. O ministro Sousa Coutinho que foi clássico por Maria Odila Silva Dias como “Homem Ilustrado”, por suas propostas iluministas, que procuravam disseminar o conhecimento técnico além de buscar por novas riquezas naturais, o ministro tentou sanar os “pontos fracos” do império português, problemas de caráter econômico e para ele a solução mais viável seria encontrar novas formas de lucros explorando a América portuguesa, extensão de terra pouco explorada que alimentava a esperança de acabar com a dependência portuguesa na importação de salitre. O salitre que passou a ser um dos principais produtos a serem procurados durante as viagens exploratórias por ser o principal insumo da pólvora, representante de soberania e poder, por isso de muitas tentativas de procurar e de fabricar a matéria prima, através das jazidas naturais ou mesmo o produzir de maneira artificial, como parte do projeto de Ilustração da América Portuguesa o ministro intercalará as reformas iniciadas por Pombal, porém com afimco na exploração das capitanias da América Portuguesa e o desenvolvimento técnico-científico. Sousa Coutinho trouxe a para perto de si elite luso-brasileira científica criando uma órbita ou rede de intelectuais egressos da Universidade de Coimbra pós reforma pombalina, então se entende que como o mesmo conhecimento sobre ciências naturais do ministro. Para a Capitania do Maranhão o designado a assumir o papel de remeter e alimentar o ministro sobre as viagens exploratórias foi o D. Diogo de Sousa Coutinho que, apesar do nome,

---

<sup>1</sup>Laerte Ramos de Diz o historiador: [...] seu objetivo superior foi criar a escola útil aos fins do Estado e, nesse sentido, ao invés de preconizarem uma política de difusão intensa e extensão do trabalho escolar, pretenderam os homens de Pombal organizar uma escola que, antes de servir aos interesses da fé, servisse aos imperativos da Coroa (RAMOS, 1978, p. 139 apud BOTO, 2010, p. 2).

não tinha ligações de laços consanguíneos com o ministro, sendo mais um ajudador na empreitada de explorar e descobrir o que se poderia retirar dessas terras ainda “desconhecidas”.

Como parte da formação dos exploradores, durante o ministério de Sousa Coutinho muitos estudantes foram enviados da América portuguesa para a Universidade de Coimbra, Iriam com o amparo de bolsas cedidas pela coroa portuguesa para que assim que voltassem pudessem trabalhar ao seu favor na exploração para quando retornassem pudessem trabalhar para a coroa em viagens pelo território. Ainda como partes da formação dos exploradores foram criadas aulas régias no Maranhão para estudos de conhecimentos específicos sobre Química, formados, poderiam fazer experiências e testes, enviando posteriormente as amostras e os resultados das pesquisas e viagens para Portugal. Essas viagens tinham o propósito de buscar, catalogar e enviar amostras para Portugal novas descobertas sobre minerais, vegetais e a fauna; tinham um caráter científico e o mesmo tempo também político, pois, muitos dos quais se envolveram nas expedições tinham o propósito de, após terem concluído o trabalho para a corte, ter algum reconhecimento, favores da coroa, como títulos de nobreza e cargos ou espécie de troca.

As viagens exploratórias fossem elas filosóficas que procuraram catalogar novas espécies, produzindo memórias e conhecimento científico ou de caráter exploratório que buscava por novas riquezas naturais como, por exemplo, o salitre. As duas perspectivas de viagem caíram na amadinha de ser tornarem políticas, pois no final das pesquisas trocavam seus conhecimentos por favores e recompensas.

### **A Casa do Arco do Cego**

Outra medida do ministério de Sousa Coutinho foi à resolução que criou A Casa do Arco do Cego coordenada por frei mineiro José Mariano da Conceição Veloso, mineiro autodidata que segundo o que se sabe até o momento construiu todos seus conhecimentos sobre história natural e botânica sem estar vinculado a uma Universidade, desde muito cedo ainda no convento já demonstrava seu gosto pelas ciências naturais onde transformou sua cela em um herbário.

Personagem curioso daquele contexto era José Mariano da Conceição Veloso, frade franciscano nascido na capitania de Minas Gerais, em 1742 — curioso tanto no que tinha de comum com os de sua geração,

como com o que havia de mais inusitado, como sua formação autodidata de naturalista, ocorrida na própria colônia e, ao que tudo indica em paralelo à formação religiosa (WEGNER, 2004, p. 1).

Veloso foi um dos maiores responsáveis por traduzir e disseminar o conhecimento técnico-científico produzido pela Casa do Arco do Cego. A tipografia mesmo com seu pouco tempo de vigência foi parte responsável por difundir esse conhecimento técnico durante o governo do ministro Sousa Coutinho. Apesar de não ter estudado em Coimbra, frei Veloso era altamente instruído e já possuía experiências como ilustrador. Chegou a desenhar um livro sobre borboletas, porém esse livro perdeu-se e até o atual momento não se tem mais descrições sobre o mesmo. Frei Veloso conquistou a confiança do ministro Sousa Coutinho, ficando responsável, assim, pelas traduções técnicas agrícolas que estavam dando certo em outros países.” O auge de sua atividade de editor coincidiu com a formação da Casa Literária do Arco do Cego, de cujas impressoras saíram mais de 80 obras em apenas três anos de existência, entre 1799 e 1801, todas elas marcadas por grande sofisticação gráfica (FARIA, 1999 apud. WEGNER, 2004, p.2). Os livros produzidos pela Casa do Arco do Cego eram enviados para a América portuguesa a fim de serem comercializados, sendo que alguns eram distribuídos de maneira gratuita para que fosse feita a divulgação mais rápida. E uma amostra que o projeto era promissor, ainda segundo o autor, foi o melhoramento na produção de açúcar; “Há notícias de que, em 1799, foram vendidos 110 exemplares das *Memórias sobre o açúcar* entre agricultores da capitania de Pernambuco e 125 na Bahia”

Um pequeno prefácio do seu mentor. Em um dos corriqueiros agradecimentos a Sua Alteza Real, Veloso (Dutrone, 1801, s. p.) observava que; Apesar das imperfeições da minha tradução, tem sido tal o efeito das soberanas, e eficazes Ordens de Vossa Alteza Real, que os povos do Brasil se tem acoçoado a grandes reformas nas suas práticas rurais. Os fabricantes de açúcar têm melhorado as suas moendas e fornalhas por toda a sua marinha, e a sua notória utilidade acabará a Obra. Se eu, Senhor, tenho recebido cartas de agradecimento de pessoas que me são desconhecidas, sendo deste um instrumento meramente passivo, quanta não deve ser a obrigação para com a Vossa Alteza Real, a cuja iluminada providencia tudo se deve (WEGNER, 2004, p.4).

No entanto, segundo Wegner, a produção de conhecimento ilustrado não foi adotada como fora concebida, pois muitos agricultores não possuíam os recursos necessários. Uma série de insucessos não restritos somente a América portuguesa: “não foi adotado senão de um pequeno número, porque os rendeiros pouco ou nada leem semelhantes obras e com dificuldade se determinam a uma grande mudança no método

que têm seguido. Eles julgavam que o método de Tull pedia grandes desvios” (Wegner, 2004, p.2).

A Casa do Arco do Cego administrada por frei Veloso também teve um grande peso na distribuição de conhecimento técnico científico, como os fazendeiros do Brasil, Gazetas do Campo, Quinografia portuguesa, Fazendeiros do Brasil sendo esse último tendo onze edições. Ainda segundo Magnus Roberto de Melo Pereira (2014), Veloso recebeu a incumbência de fazer experiências com o Salitre, além de modos de produzir salitre de maneira artificial. “Um dos propósitos mais acalentados pelo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, foi o de superar a reconhecida defasagem científica em Portugal. Homem do iluminismo, ele acreditava no poder da educação e foi por meio de uma completa reforma educacional que iniciou o projeto” (PEREIRA, 2014, p. 2014).

### **Exploração das riquezas naturais**

Segundo Magnus Pereira de Melo (2014): “o início das explorações científicas na Caatinga também foi resultado de um processo de antecipação às expedições patrocinadas diretamente pela Secretaria Marinha de Ultramar. E no Maranhão quando José Teles da Silva assume o governo e logo após isso encarrega João Marcio Gaio de fazer uma viagem filosófica para explorar pela Caatinga”, ainda segundo o autor, “esse processo iniciou-se da Caatinga, por exemplo, quando o Ministro Sousa Coutinho comissionou o médico e naturalista Manuel Arruda Câmara para que fizesse uma viagem pelo Sertão do nordeste (1797 e 1799). A investigação deveria estar voltada pela busca de salitre”.

Além do salitre durante as “viagens filosóficas”, que segundo Ronald Jose Raminelli, “para ser filosófica, uma viagem deveria promover o avanço da ciência, descobrir leis, a lógica do criador que estava escondida no mundo vivo.” Ou seja, além de preocuparem-se com a busca pelo salitre, as viagens tinham o intuito de contribuir para novas descobertas no âmbito científico, como por exemplo, a descoberta de novas plantas medicinais. Durante as viagens os exploradores tinham contato com a cultura local das pequenas comunidades Brasil e com tribos indígenas. Todo esse conhecimento local facilitava a busca dos exploradores e a descobertas, principalmente com o conhecimento indígena de plantas.

Os “sertões” voltaram a ter a agenda científica quando D. Rodrigo de Sousa ocupa o posto de ministro de Ultramar e busca pelo salitre, até então o principal material para produção de pólvora. Ter uma produção de pólvora que se destacasse era um representativo de poder. Para ajudar nesse projeto ambicioso D. Rodrigo<sup>2</sup>, que era afilhado de Pombal e tinha estudado em Coimbra, insere-se nessa perspectiva para ajuda-lo no árduo projeto de busca por novas riquezas. Convocou alguns que foram estudantes da Universidade de Coimbra, cientistas que passaram pela universidade, pois a reforma de Pombal que impôs a obrigatoriedade da cadeira de ciências naturais a todos os estudantes. Com uma equipe composta de iluministas cientistas, buscou produzir matérias sobre a América portuguesa, um lugar ainda muito pouco explorado ou até mesmo desconhecido.

A exploração da América pelos seus ditos “colonizadores” sempre foi algo preponderante na história desse continente. Na introdução do livro *Monarquia Pluricontinental*, João Fragoso (2012, p. 09) afirma que “hoje em dia, depois de muito debate e de árvores transformadas em textos, percebemos que a América lusa não era simples canavial habitado prepostos do capital mercantil, “somoventes” (escravos), conectados com a humanidade por rotas comerciais”. No entanto, a América não era apenas um lugar lucrativo, pois o autor ainda diz que:

Sua Majestade e a primeira nobreza viviam de recursos oriundos não tanto dos camponeses europeus, como em outras partes da Europa, mas do ultramar, ou seja, das conquistas do reino e, em especial, dos indígenas, e depois, dos escravos africanos nas plantações americanas (FRAGOSO, 2012, p. 10).

A América passou por diversos momentos de exploração e enfocaremos mais especificamente a América portuguesa que passou pela fase da plantação de cana-de-açúcar, de extração do ouro em Minas Gerais e da busca por novas riquezas naturais após a reforma iniciada por Pombal e continuada pela rainha Maria e o regente João, destaque-se também o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Segundo José Luís Cardoso (2011, p. 1) “Marquês de Pombal e Dom Rodrigo de Souza Coutinho estiveram no centro do poder político no Estado português, comparando o conjunto de suas orientações no campo econômico e colocando em perspectiva a questão geral do reformismo ilustrado no mundo ibérico”.

---

<sup>2</sup>Rodrigo de Souza Coutinho, o novo ministro, integrava o grupo de famílias que dominava a administração ultramarina portuguesa, as quais, pela experiência adquirida em sucessivos cargos, garantiam a governabilidade do império português (PEREIRA, 2014, p. 2).

Sousa Coutinho buscou explorar e disseminar o conhecimento técnico e científico. A proposta do ministro fica ainda mais claro quando convoca os egressos da reformada Universidade em Coimbra e os colocando para administrar as capitanias da América portuguesa. No Maranhão a tarefa de explorar e disseminar o conhecimento técnico ficaram por conta de D. Diogo de Sousa capitão-general a serviço da coroa, que em cartas enviadas ao ministro D. Rodrigo sugere a criação de aulas de química para melhor explorar o salitre, conhecido na contemporaneidade pelo sal de cozinha, que tinha a sua importância na produção de pólvora.

Expediam-se Ordens a este Governo para crearua cadeira d'Estoria-Natural e Quimica, quando aforsa do rendimento asim aja de permitir pois me parece resultaria dela grande interesse publico. \_\_ Sobretudo V. Ex. arezolvirá como for de Agrado do Principe Regente Nosso Senhor. Deos Guarde a V. Ex. a S. Luiz do Mar. am 28 de Setembro de 1800% Il.mo Ex.mo Snr. Dom Rodrigo de Souza Coutinho. (AHU, D.8767)

A questão era onde encontrar o salitre, matéria tão valiosa. Segundo Clarette Paranhos da Silva, em 1817 dois integrantes da comitiva da comissão da grã-duquesa austríaca Leopoldina que chegou ao Brasil em 1817 para casar-se com Dom Pedro I, trazia dois integrantes instruídos para explorar o potencial da fauna e da flora brasileira.

Iniciando seu trabalho pelo Rio de Janeiro e seus arredores, em uma viagem que durou cerca de três anos, exploraram diversas localidades do território brasileiro, incluindo São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas. O material por eles recolhido permitiu que fossem elaboradas diversas obras de cunho naturalista sobre o Brasil. É já bem conhecida a obra *Viagem pelo Brasil* que relata as “aventuras” dos dois naturalistas em território brasileiro. No entanto, os territórios explorados pelos dois viajantes já haviam sido escrutinados anteriormente por viajantes naturalistas nascidos em terras brasílicas (SILVA, 2006, p. 2).

Como parte do projeto de exploração das riquezas naturais, de 1779 até 1803, o padre Joaquim José Pereira, Vigário de Valença, sai em expedição pelo Maranhão em busca de novas riquezas, principalmente atrás de salitre, pois era o seu peso que denominava poder por ser um dos componentes da pólvora. Ficou comprovado com a expedição que a região entre Maranhão e a capitania do *Piauí*, estavam repletas de minas de salitre que eram desprezadas. Salitre era um material tratado como algo muito precioso em Portugal, como diz Maria Helena Mendes Ferraz:

Até onde sabemos, pouco salitre estava disponível em Portugal e o governo mandou recolher por toda parte o que fosse encontrado, tornando ainda mais escasso o material. Mesmo a Casa da Moeda - onde o salitre era fundamental

para a manipulação de metais preciosos – encontrou problemas para desenvolver as atividades que utilizavam esse material (FERRAZ, 2000, p.1).

Com o salitre em falta, pode-se entender a importância da busca por esse produto tão precioso, sendo encontrado no Maranhão através da viagem do p. Joaquim Pereira; proposta do Vigário de Valença. Primeiro argumenta se extração de salitre natural seria cabível e renderia o quanto o reino precisa, por isso diz que:

Há muito tempo que se noticiou haverem Naturas naturaes nos Certoens [?]do Piahy (a) mas esta noticia vaga foimada [?]/ com algumas pequenas amostras, deixava em duvida, qua/e serão os lugares particulares, em qui se achava o Nitro, ou/ Nitratto de potassa, vulgarmente chamado de Salitre; nem/ se acha, se algumas das Naturas poderião dar interesse/ sendo cultivadas. Devo, pois principiar por estes dois pon/tos, e argumentar finalmente se a arte aplicada as Ni/treiras [?] naturais poderá produzir quantid.e interes[s]ante (AHU, D. 9555).

Ao mesmo tempo a produção artificial de salitre foi testada por frei Veloso, que coordenava a Casa do Arco do Cego:

No campo das traduções Frei Veloso realizou várias coletâneas de memórias de estudiosos estrangeiros sobre um mesmo assunto, como foram a Alographia dos alkalis vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos, a Quinografia Portuguesa ou collecção de varias memorias e o Mineiro do Brasil. Outras referem-se a diversos assuntos, como é o caso do Fazendeiro do Brasil (FERRAZ, 2000, p. 2).

Ainda segundo a autora: “*Veloso, no entanto, não parece ter alcançado seus objetivos*” (2000, p.4). Mas o campo de experiência científica é algo que ganha dimensão durante os relatos de viagens científicas.

Depois dessas dimensões sobre o salitre e a importância do mesmo, nesse segundo momento será analisaremos a viagens exploratórias pelo Maranhão em busca de novas riquezas. Em 1779, o padre Joaquim José Pereira, Vigário de Valença, sai em expedição pelo Maranhão em busca por salitre. Em viagem entre o Rio Itapecuru, o padre remete ao governador do Maranhão a seguinte correspondência:

Pela extremidade da mesma o rio Iguará (...), como quase achei sem humidade nos lugares mais baixos dellas cria crystaes de sal muito mayores que remetemos ao Governador e capitão general do Estado, que se metteria tão solidas que os animais as não podem quebrar: os moradores salgavão com este sal as carnes do seu sustento, cujo uso lhes pesparava com amargor em diarhea, deixando por isso de as comer de sorte que de todos desprezevão o uso doméstico do mesmo sal (PEREIRA, 1779, p. 26).

Além do salitre existiam muitas histórias disseminadas sobre a existência de ouro e outros minerais como o ferro, negada pelo vigário durante a viagem.



No riacho de Timbó cavarão as suas terras e por infomaçoens de que nesta Freguezia havia muito ouro e em toda ella nada mais se achou que abundancia de esmeril que hé comum em toda a terra ferrina, ao mesmo se fez nas praias denominada Alagoa (AHU, D. 1955)

Mesmo com o insucesso na busca por minerais preciosos, foram encontradas durante a expedição ervas que serviriam no combate de enfermidades. Uma breve lista de “drogas”, ou seja, que poderiam ser usadas pela medicina:

Por fim, concluímos que a reforma feita por Pombal com a inserção da obrigatoriedade de que os estudantes de Coimbra tivessem que cursar a cadeira de ciências naturais propiciou novos cientistas com conhecimento em fauna e flora, que poderiam trabalhar como exploradores na até então pouco conhecida, do ponto de vista científico, América portuguesa, especialmente na busca por novas riquezas naturais e do tão valioso salitre. É que o projeto político de D. Rodrigo de Sousa de disseminar o conhecimento técnico encarregou seus companheiros de Coimbra para ajudarem no plano de exploração da América portuguesa, entre eles, estavam D. Diogo de Sousa no Maranhão, que trocou correspondências com o ministro Sousa Coutinho sobre a viagem de Vicente Dias Cabral e do padre Joaquim José Pereira.

## **Referências**

### **a) Documentos**

#### **Manuscritos**

Arquivo Histórico Ultramarino – documento 9555 e 0556

### **b) Bibliografia**

ARRUDA, Paulo H. M. As reformas pombalinas na Universidade de Coimbra: Algumas considerações. [online] Outubro, 2009, PUCPR. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3341\\_1811.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3341_1811.pdf).

BOTO, Carlota. A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. In: Rev. Bras. Educ [online] Maio/Agosto, 2010, no. 44. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782010000200006&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782010000200006&lang=pt)

CARDOSO, José Luís. CUNHA, Alexandre Mendes. Discurso econômico e política colonial no império Luso-Brasileiro (1750-1808). In: Tempo. [Oline] vol.17, no.31,

Niterói, 2011.  
Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141377042011000200004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141377042011000200004&lang=pt)

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. 2.ed- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FERRAZ, Maria Helena Mendes. A produção do salitre no Brasil colonial. In: Quím. Nova [online] Dezembro, 2000, vol.23 n.6 São Paulo. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422000000600021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422000000600021&script=sci_arttext).

FRAGOSO, João. SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. Monarquia Pluricontinental e o governo da terra no ultramar atlântico luso. MAUAD Editora Ltda. Rio de Janeiro, 2012.

KURY, Lorelai Brilhante (org) PEREIRA, Magnus Roberto de Melo. Sertões adentro - viagens nas caatingas séculos XVI A XIX. 2013. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2012. 344 p.144-202

MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal(1750-1808)*. Paz e Terra. 2009.

MEIRELES, Mário Martins. *Dom Diogo de Sousa, Governador e Capitão-General do Maranhão e Piauí (1798-1804)*. São Luís: SIOGE, 1979.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello Pereira; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. Os colonos cientistas da América Portuguesa: Questões historiográficas. CAPES-CNPQ In; Fundación Carolina. UFRJ, Rio de Janeiro, junho de 2006. *Revista de História Regional* 19(1): 7-34, 2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello Pereira. D. Rodrigo e frei Mariano: A política portuguesa de produção de salitre na virada do século XVIII para o XIX. *Topoi* [on line] Janeiro/Julho, 2014, no. 29, Rio de Janeiro. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2014000200498&lang=p](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2014000200498&lang=p)

RAMINELLI, Ronald Jose. Viagens Ultramarinas: monarcas, vassallos e governo à distância. São Paulo: Alameda, 2008. 312 p. ISBN

SILVA, Clarete Paranhos da. Naturalistas e viajantes brasílicos. In: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Junho, 2006.

SCHAWARSCZ, Lilia Moritz. AZEVEDO, Cesar Paulo. COSTA, Angela Marques.(org). A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência no Brasil. Edt. Companhia das Letras, 2002.

WEGNER, Robert. Livros do Arco do Cego no Brasil colonial. Scielo. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2004, vol.11, suppl.1 Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459702004000400007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702004000400007&lang=pt).